

O DOMINGO

SEMANARIO LITTERARIO E RECREATIVO

Pedactora e proprietaria— D. Violante Atabalipa Ximenes de Byar e Vellasco.

As assignaturas para a Côrte são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno. Para as provincias 5\$ por semestre e 10\$ por anno no escriptorio da redacção, rua do Príncipe dos Cajueiros n. 164 sobrado.

O DOMINGO

Rio, 3 de Maio de 1874.

O dia tres de Maio

É hoje o dia designado pela Constituição do Imperio para se abrir a Assembléa geral legislativa.

Se pre que aquelles que tem de curar dos negocios da patria correm á cumprir os seus deveres, todo o coração que ama seu berço natal deve folgar e expandir-se.

E quando se tem a certeza de que da reunião dos representantes da nação muito proveito pode resultar para o paiz, maior deve ser o jubilo dos que mesmo como nós, de nossa mediocridade, tem confiança no esclarecido patriotismo dos que representam este grandioso Imperio, que tem mais robusta fé nos seus representantes.

O Domingo, saudando a cada um dos dignos representantes da Nação, faz votos para que todos a uma satisfaçam as mais urgentes necessidades do Brazil.

A Instrucção publica

II

Não nos faremos cargo de combater os preconceitos que actuam no espirito dos que impugnem o ensino obrigatorio.

Todas as objecções, que apresentam os sectarios de Duupanlup, podem ser victoriosamente combatidas, do que não nos incumbiremos, não só por não podermos dispor de bastante espaço, como porque escrevendo sobre tão delicado assumpto é nosso unico alho mostrar as vantagens da instrucção.

Examinando-se, mesmo ligeiramente, o que se tem dito e escripto a este respeito, vê-se que na Allemanha illustrada, na Suissa republicana, na Belgica constitucional, na Suecia, na livre União Americana, e em os paizes onde a idéa foi adoptada, o resultados são esplendidos.

Na Inglaterra a instrucção obrigatoria vai fazendo progresso.

Em Oxford e em Birmingham os conselhos de educação (school boards) se pronunciam a favor da obrigatoriedade do ensino, e usando da faculdade que lhes é concedida

pela lei da educação militar, decidiram que os meninos dos seus districtos fossem obrigados a ir a escola: decisão esta que foi sancionada por um decreto da rainha Victoria.

O ensino deve ser obrigatorio e livre, quer dizer que elle não impede que os pais dêem aos filhos a educação que quizerem.

O pai ensina a moral, forma o coração; o mestre esclarece a intelligencia, dá a instrucção.

Ensinar e aprender são actos naturaes que imperceptivelmente se praticam; e a prova é que, quer se ensine ou não, o homem ou animal nunca fica estacionario.

E, sendo assim, obrigar-se a criança a aprender, nunca lhe será vexatorio.

Ao Estado toca a preferencia da educação do seu futuro cidadão como seu futuro membro; e com o tal ao Estado cumpre obrigar a criança a estudar.

Ao Estado cumpre tambem protecção contra a insidia armada em nome da liberdade do ensino.

Aberta a concorrência do ensino, a emulação e o interesse farão o resto, com proveito da Nação, dos discipulos e dos mestres.

Nos Estados Unidos, n'aquella grande paiz, a escola é considerada tão necessaria á vida moral e intellectual dos cidadãos, como o ar á vida phisica.

A instrucção popular, pois, deve ser o programma de todos os partidos, e na America do Norte, o individuo e o Estado se congregam e descem aos abysmos humidos da miseria, levando a luz para o espirito do povo, e o povo caminha e o trabalho é o alliado do capital.

E os Estados Unidos tem produzido homens como Lincoln, o Messias americano, cuja alma voou aos ceos cercada pelas benções de milhares de homens, que educou, e que viram no grande cidadão o seu redemptor.

NOTAS DE INTERESSE GERAL

No instituto agricola de Massachusetts, onde existem actualmente 144 alumnos, ha um estudante do Pará.

Em Boston abriu-se uma subscrição para fazer um memorial a Agassiz.

Já se acha subscripta a quantia de 180 contos de reis, sendo a obra avaliada em 600.

A universidade de Aarvan recebeu uma doação de 200 contos de um individuo que prohibio que se divulgasse o seu nome.

O senador Sumner, que falleceu ha pouco tempo legou á mesma uiversidade, alem de sua riquissima bibliotheca, 100 contos de reis.

Não ha paiz no mundo em que o povo seja tão prodigo em fornecer meios de animar a instrucção publica, as letras, e as sciencias como o americano, o que prova que ha alli tambem muita fé nos melhoramentos e progresso social.

Só na cidade de Nova York existem 415 sociedades de beneficencia, alem das igrejas, cujas congregações são muitas vezes outras tantas sociedades desse genero, e muitas associações m cõmicas e outras secretas, que tambem espalham muita caridade.

LITTERATURA

Historia de um cão

(Conclusão)

—E' tudo quanto possuo! Guarde isto para si, para os seus cigarros, para o seu café, mas deixé-me, não me desgrace!

O soldado, enternecido talvez, deo-lhe com o pé, exclamando:

—Olha si alguém te vê, que me compromettes! Raspa-te daqui!

E deu-lhe uma coroulhada. Ella fugiu.

Nestas precipitações uma coisa lhe tinha esquecido: tanger a campainha, cuja haste de ferro pendia ao lado do buraco da Misericórdia.

Nero, porém, que tinha ficado no pátio ao pé da cavidade em que fóra deposto o fardo de sua amiga, latia, ladrava, uivava, arremessava-se de encontro ao muro, raspava com as unhas na cal e continuava sempre nos nivos. Houve por fim um rumor interior, abriu-se um ferrolho, gemeram uns gonços, ouviu-se uma voz. Depois o ferrolho foi outra vez corrido e ficou tudo em silencio.

Ente os expostos da Sancta Casa era então recebida uma criança recém-nascida, roxa de frio, desmaiada, com a bocca entre-aberta, a cabecinha pendendo como desarticulada. Notou-se que tinha voltada para fóra a palma da mão direita: examinou-se este phenomeno: procedia de ter o braço partido. A criança, porém, viveu.

No entretanto, com o vago instincto de um dever desempenhado, Nero desceu feliz a rua larga de S. Roque, fariscando o rasto da costureira, sacudindo de quando em quando as orelhas e o seu grosso pello fulvo, estacado e suino, de que gotejava a chuva. Voltou ao Chiado.

A' esquina da rua de S. Francisco estava um policia civil, atabalado no seu sobetudo, com o capuz pela cabeça sobre uma soleira, cosido com uma porta.

O policia chamou o cão. Nero deteve-se, olhando para elle por um momento. O policia tornou a chamal-o batendo com a mão no alto da perna e dizendo-lhe:

—Toma aqui, pequeno!

Nero aproximou-se; o policia deu-lhe amigavelmente uma palmada na cabeça. Em seguida tirou do fundo da

sua algibeira um pequeno volume de papel, desembrollou um bollo de strichaina, e deu-lhe. Nero comen, meneando reconhecidamente a cauda. Depois lambou os dedos do policia, e desceu a calçada.

Ao meio da rua Nova do Carmo, a chuva por um momento suspensa, desabou outra vez com uma abundancia diluviana. Nero estacou de repente, abrindo desmedidamente a bocca. Deu mais dous passos e cahiu. Estremeceu então violentamente na lama, onde se espalhava a luz vacillante dos candieiros, agitada pelo vento. O enchurro grosso e torrencial que corria impetuosamente fê-lo resvalar pelo declive da rua. Elle, estrebuchando, tentando erguer-se, luctando, foi de rojo, de encontro ao passeio. A torrente, envolvendo-o, arrastou-o então para a bocca de uma sargeta. Ahi Nero, ainda vivo, deixou de latar. Entendeu talvez que, tendo a sua missão cumprida, não tinha mais que viver. Devendo a vida em pequeno, a uma creança, elle mesmo acabava de salvar da morte em pequeno. Tinha a sua conta salda. Depois disto, ser envenenado pelo policia e morrer coberto pela lama das ruas no boqueirão de um esgoto, era acabar como um herói.

Assim Nero deixou de existir.

FIM

O doente e o medico

I

Quando, cheio de tristeza, o homem se vê obrigado a reclamar o auxilio de um medico, que socorro mais opportuno poderá exigir ou reclamar?

E como poderá o doente corresponder ao medico pelos beneficios que lhe faz, livrando-o do jugo de dores insupportaveis, inspirando-lhe as mais gratas illusões e abrindo seu peito á fé e á esperanza?

O medico identifica-se de tal maneira com o anjo das misericórdias, que se esquece completamente da ingratiidão que o acompanha por toda a parte, para consagrar-se com uma abnegação sem limites ao allivio do que geme, prostrado no leito da dor.

II

Vê-se o enfermo languido e sem alento, pede que todos lhe alarguem a mão para alçar-se do seu misero estado e dar-lhe vida; a todos supplica que não o abandonem com lagrimas nos olhos, e voz doce e melancolica. Sua alma está adormecida e cheia de tedio e de tristeza, e a força de tanto padecer, tem alento para pedir que sua palavra seja de espirito e de vida.

O medico, sempre que se acha á cabeceira do enfermo, vê commovido suas angustias, e levanta um grito ao Senhor, para que lhe dê tino, e com elle possa restituir a saúde ao que padece.

Deus que tem asua morada no alto dos ceos, para quem alcamos nossos olhos, e enviamos nossas supplicas, é muito amante dos que soffrem. Jesus Christo disse: «Vinde a mim, vós que choraeis e soffreis, que eu vos consolarei.» E sempre que com o espirito posto em Deus soffremos e rogamos, o alento divino penetra em nossas almas, e sentimentos ineffavel consolação.

Bendicto seja o senhor, pois que nos dá valor em nossas tribulações, abrindo-nos as aguas do mar da esperanza para dar-nos livre passagem, não permittindo que sejamos presa dos dentes raivosos da desesperação, nem que como

ave incauta percamos a liberdade, sendo victimas do insidioso caçador que lhe arma laço traiçoeiro.

III

O medico comprehende todas as dores da vida, e está familiarizado com todas as misérias e alternativas.

Envergonhados e cobertos de infamia estão os que caluniam o medico !

Oh! como é doce e consolador fazer o bem e triste e desconsolador receber por premio o mal !

IV

O medico penetra até aos mais profundos abysmos da dor, e ali encontra a chave de seus conhecimentos scientificos.

Se, tomando asas quizer voar ao mundo dos espiritos, chegará sem duvidas ás extremidades do mar do universo e a mão do Deus será que o hade conduzir para ali.

Aos que o caluniam servem de luz a obscuridade e o véo da noite, e por isso no meio dos seus deleites não podem comprehender quanto de grande e magnifico ha na sciencia do medico

As mãos destes impios estão manchadas do lodo de seus vituperios e todo o mal que suas miseraveis calumnias tentam fazer se revolve um dia contra elles e se aniquila vivas brasas chovem do ceo sobre suas cabeças, e parecem esmagados sob o peso de suas proprias misérias.

O calumniador e o maldizente só podem ter um fim horroroso, digno castigo do seu máo proceder.

V

O enfermo escuda a sua esperanza no medico. Sua voz, seus movimentos são para elle perolas que caem do ceo sobre a sua fronte.

Não ha nada mais bello que a saude.

A felicidade da terra consiste em ter as nossas faculdades phisicas, moraes e intellectuaes em disposição de fazel-as girar em um circulo de acção.

Grande e sublime é a creatura que se interessa pelo que padece !.

Cuidar do enfermo, dar-lhe o que necessita para mitigar suas dores é um bem supremo que não tem preço na terra, pobre mansão de um dia.

DR. LOPEZ DE LA VEGA.

Murmurios d'alma

(FOLHA SOLTA)

Tu me disseste :

« Meu Deus, como são fingidos os poetas.

A mentira se esconde em suas palavras seductoras, como o veneno sob o perfume de certas flores delicadas ! »

Sou poeta ?...

Ainda bem que o disseste, Maria ! Tu mediste nessa palavra a extensão e sinceridade do meu sentimento ; confessaste que te amo, reconheceste que te adoro com o ardor sancto e immenso com que esses inspirados do amor amam e adoram o ideal sagrado dos seus sonhos delirantes.

Tu o disseste, sou poeta.

Esta palavra dos teus labios foi a corôa, com que o anjo da poesia engrinaldou-me a fronte orgulhosa e escrava das tuas inspirações ! Sou poeta, porque minha alma ajoelha-se e adora extasiada a tua imagem palida e vaporosa, porque de meu coração trasborda o amor sancto que banha-te a fronte angelica e perfumada, porque minha

imaginação não cança de tecer flores ideaes para coar-te a belleza sobrenatural.

Sou fingido ?...

Foi o ciúme que te fez atirar-me esta accusação injusta e cruel ! Ella envolvia um espinho que me viria ferir no coração, se não se transformasse no filtro magico que transportou-me ás celicas religiões da felicidade, fazendo-me conhecer que me amas, que não és insensivel como querias parecer aos olhos a aixonados, que não és má como denunciava o riso de mofa com que sempre ouvias as minhas palavras ?!

Ouve :

Foi ha poucos dias. Minha alma soffria o martyrio de um desespero inconsolavel, e eu disse, ferido pelo escarneo esmagador :

« Porque amo eu ainda aquella moça ? Porque não pago com o meu odio a sua indifferença desesperadora ? porque, porque, meu coração ? »

O coração respondeu, estremecendo-me no peito :

« Porque ella deu-me vida, porque ella encheu-me de illusões !... »

E o cerebro me disse então, serenando-se como uma manha, depois de uma noite de tormenta :

« A mulher é o insaciavel no amor ! Quanto mais é amada, mais deseja sel-o ! Maltrato muitas vezes aquelle que a adora para vel-o preso a seus pés adorando-a ainda mais, se é possivel, e satisfazendo assim a sua vaidade de rainha.

« Louco. Finge que divides por muitas o amor immenso que lhe offerceste e vel-a-has voltar-se a ti e rasgar o véu que encobre-lhe cuidadosamente o coração fragil e sancto. »

E eu tornei-me voluvel, como me pareciam ser os teus olhos vividos e feiticieiros ; e eu tornei-me doudeante nos salões, como o colibri em um jardim variado de flores.

Era uma noite serena, como o palpar doce do teu coração innocente ; risonha, como a expressão angelica do teu rosto encantador, perfumada de luar, como os teus cabellos do aroma do junquillo que tinha nas tranças negras e assetinadas !

Tu choraste...

Pensas que não vi ? A lagrima com que perfumaste o teu leucinho mimoso, espalhou o seu perfume delicado até o ambiente de minha alma. Eu o senti e meu coração estremeceu de felicidade !

Dous dias meus olhos chamaram-te debalde, e meu coração procurou-te gemendo de saudade. E dous dias não me appareceste !

Quando vi-te...

Foi hontem...

Tinhas de novo a indifferença no rosto, mas a tristeza empalidecia-te ainda mais a face marmorea e arrebatadora

E tu me disseste : « Meu Deus, como são fingidos os poetas ! A mentira escond-se em suas palavras seductoras, como o veneno sob o perfume de certas flores delicadas !

Não vias ?

A tristeza, como um véu de morte, espalhava-se assustadora em minhas faces cadavericas ; a dor amarga de um coração magoado espalhava-se muda nos meus labios contrahidos.

Foi a tua indifferença que me fez soffrer tanto ! Foi aquella palavra..

Vê agora, Maria.

Sou alegre como um ebrio de felicidade : risonho como um sonho de ventura ; ditoso como um escolhido da fortuna ! E foste tu que me fizeste alegre, foste tu que me tornaste ditoso, porque me fizeste conhecer que não és má como denunciava o riso de mofa com que sempre ouvias as minhas palavras, !

Men Deus, como os anjos querem parecer maus !

A bondade não abandona-lhe um momento o coração innocetninho, e a cruesadeja-lhe entretanto nos lábios puros e inoffensivos !

POESIA

Aerostico

A UMA AMIGA NOS ANOS DE SUA FILHA

O ora-te a face mimoz'infantil,
E smalte mais fino, que rubro coral ;
T usio-te ao nascer a alva gentil,
I ngenua florzinha da roza rival ;
N os olhos, faisca lampeja febril,
V bocca sorrisos só tem festival.

Rio Preto, 1 de Abril de 1874.

D. Honorata Minelevina Carneiro de Mendonça.

A flor

Vede a mirrhada, já resequida,
os pés a calcão com mais vil desdem
um dia houve que senti com vida...
o doce pollen !

Em torno d'ella, perfuma d'arôma,
o terno amante aspirav'á custo !
a mão humana respeitav'á coma,
do terno arbusto !

A alva gotta, cristalino'orvalho,
a flor mimosa, rociav'á medo !
aqueceo-a apenas o sol de maio !
Ind'era cedo !...

.....
.....

Um dia...ó Ceus ! vendaval raivozo,
pel'haste, corta a florsinha bella,
sem comovel-o o port'airozo
da donzella !

Eil-a, de rojo, tapetand'o chão,
a flor singela que brilhou um dia !
se era bella, foi-lhe o título vão !
vã loucania !

Assim a vida, s'esvae ardente,
vago misterio, que se não exprime !
sonho-vertigem, qu'embal'a mente
nada sublime !

Rio Preto, Abril de 1874

D. Maria Leonilda Carneiro de Mendonça.

Charadas

Dobrada sou apelido . . . 1
Sou filha de minha filha . . 2
De ouro, prata e vidros.

Não é nesta data,
Fazenda da moda ;
Designa mamata
De tod'uma roda ! . . 1

Já vi-os gretados
Com bem mau odôr !
Mas ha-os rosados....
Men Deus ! que primor ! 1

CONCEITO

Sanhudo selvagem
Cobarde e vilão,
Sonhando pillagem
Com'era ratão ?..

D. Honorata Minelevina Carneiro de Mendonça.

Se o sei
He qu'o vi . . 1
E não foi lá
Qu'o aprendi . 1

Gentil e formosa,
Travessa menina ;
Mais bella que a rosa,
Mimosa bonina.

II.

A decifração das charadas do numero antecedente é:
a 1ª, Relampago e a 2ª, Gaturamo.

Typ. da rua da Alfandega n. 185.